

Escola integral: necessidade e desafios

A Conferência Nacional de Educação (Conae) irá ocorrer no Distrito Federal, em abril de 2010, e tem como objetivo principal discutir o plano articulado de educação para o País, o qual visa a melhorar os índices de aproveitamento escolar. No primeiro semestre deste ano, foram realizadas nos municípios pré-conferências, as quais possibilitaram espaços de discussão do documento, constituído com as principais questões que norteiam ou são propostas de trabalho do processo educativo. No segundo semestre, as pré-conferências são de ordem regional e estadual e cada discussão busca esclarecer o que o documento propõe como necessário para aprimorar a educação, desde a educação infantil até a pós-graduação.

Neste documento, assuntos com caráter de urgência e importância são colocados na pauta. Entre eles, questões como a obrigatoriedade do ensino a partir dos quatro anos de idade e a escola em período integral. E aqui, neste ponto, o que nossos olhos alcançam não dá conta de esclarecer a complexidade dos fatos. São duas questões polêmicas, interligadas e refletem a angústia de uma sociedade.

O Brasil faz parte da lista dos países nos quais os estudantes passam menos tempo na escola. Está comprovado cientificamente que quanto maior o período escolar, maiores são as oportunidades de desenvolvimento das crianças. Mas estar na escola é diferente de frequentar um ensino completo.

Existe um abismo entre educação integral, holística e de qualidade e lugar para deixar os filhos. Entendemos por ensino de qualidade o espaço que oferece atividades científicas, esportivas, humanas e culturais. Para essa proposta ter sucesso, é preciso planejamento pedagógico e investimento físico e humano.

A ideia do ensino integral é efetivada em alguns municípios a título de experiência, possuem um caráter mais político do que educativo. A escola-piloto é divulgada como se fosse uma regra de trabalho, mas é uma exceção.

O que temos como resultados positivos sobre esse trabalho são mínimos e a maioria ainda ocorre em instituições privadas. No ensino público, a realidade é bem mais turva. Escola integral significa o dobro de recursos financeiros para cada criança. Infelizmente, moramos num país onde a cultura e o ensino apresentam alto custo. Tirar nossas crianças das ruas e oferecer oportunidade de desenvolvimento completo ainda é um sonho ousado para o Brasil e, infelizmente, distante.

O que vemos é uma lacuna entre os objetivos de cada instância envolvida: política, família e escola. A família espera um lugar para deixar os filhos enquanto trabalhar. Infelizmente, falta-lhe compreensão sobre o que deve ser feito em uma escola. À luz desta compreensão, a administração pública aproveita para divulgar trabalho e fazer campanha. No entanto, entra político, sai político, o ensino integral continua sendo experiência isolada.

No meio, fica a escola. A ela cabe oportunizar o desenvolvimento de competências e habilidades do aluno, por meio da tecnologia, cultura e história. Para nobre tarefa, os esportes, as artes e as ciências são os edificadores da prática pedagógica. Porém, a realidade que encontramos é outra. A falta de estrutura física e humana compromete o trabalho, e o que era para ser um ambiente de educação integral, passa a ser uma dor de cabeça para quem administra.

Criança na escola, com ensino de qualidade, é meio caminho andado na direção do crescimento, em todos os aspectos. Toda nação que almeja desenvolvimento sustentável, toda família que prioriza a educação das suas crianças e todo professor que busca a educação do corpo e da mente dos alunos sabem que o ensino integral é urgente. Que ele aconteça, mas de forma responsável, não de forma intencional e fragmentada. Sendo assim, vira depósito de criança, não ambiente de formação.

Enquanto objeto de discussão na Conae, a proposta enche de expectativas quem acredita na sua credibilidade. Para que saia do papel, é necessária a cobrança da sociedade civil, principalmente da família. Esta ainda não sabe a força que tem. Exigir educação de qualidade é diferente de aceitar vaga na escola. Com certeza, tal exigência vai arrancar da zona de conforto muitos políticos que dependem das

urnas. Afinal de contas, quatro anos passam muito rápido, e trabalhar com seriedade é necessário num país que ainda oferece pouco para suas crianças.

Disponível em:

<http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2657083.xml&template=4187.dwt&edition=13144§ion=882>

Acesso em: 18/09/2009